

A ENTONAÇÃO DO ALEMÃO COMO L2¹ POR FALANTES NATIVOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Katja REINECKE (PG-UFSC)*

1. Introdução

A entonação é um meio importante de assegurar a compreensão na comunicação oral. A acentuação e a melodia da voz indicam a estrutura da informação de enunciados e coordenam o nível da organização seqüencial da interlocução. Dentro de um enunciado, cabe à entonação estabelecer coerência e coesão. Problemas nesta estrutura entonacional complicam ou até impedem o processo paralelo da compreensão do enunciado pelo ouvinte. Essas complicações podem ser a causa de desentendimento pragmático (“Isso foi uma pergunta ou uma afirmação?”), ou podem perturbar a ordem da fala (dos *turnos* de falar) dos interlocutores (este é um motivo possível de interrupção: um interlocutor A interpreta errado os sinais entonacionais do outro interlocutor B, o atual falante, pensando que B já estava terminando de falar). Especialmente a comunicação entre o falante nativo e o não-nativo de uma língua é sensível a perturbações deste tipo, causadas pela entonação não adequada do falante não-nativo.

Do ponto de vista de pesquisas de ensino e aprendizagem de L2, a situação parece ser a seguinte: mesmo aprendizes de L2 bastante avançados realizam uma entonação muitas vezes desviante do padrão da língua-alvo. Isto porque a entonação pertence às características lingüísticas que mais são influenciadas por interferências da L1. Mas desentendimentos entonacionais na comunicação entre o falante materno e o aprendiz muitas vezes passam despercebidos. As conseqüências, porém, neste caso, são atribuídas erroneamente a outros fatores². Apesar

* katreine@gmx.de

desta dificuldade já conhecida, não existem muitos materiais específicos que poderiam ajudar inclusive os aprendizes avançados. Para poder desenvolver uma didática da entonação é necessário primeiro comparar a entonação da respectiva língua por falantes não-nativos com a entonação dos nativos.

Este artigo se baseia em pesquisa da entonação de brasileiros que falam o alemão como L2 (Reinecke 2003)³. Por um lado serão apresentadas as características básicas da entonação de aprendizes. Um outro objetivo é a apresentação dos problemas fundamentais na aquisição da entonação de uma L2.

O artigo está organizado da seguinte forma: o tópico seguinte começará com um breve relato das características fonéticas da entonação (2.1.) e tratará, em seguida, dos conceitos fonológicos básicos da literatura da entonação: a questão de níveis de tons e contornos melódicos, acentos tonais e tons delimitativos e a estrutura do sintagma entonacional dentro do âmbito da Teoria Auto-segmental e Métrica da Entonação (teoria / modelo AM) (2.2.). Finalmente será aplicado o modelo AM a um enunciado tomado da pesquisa apresentada, para uma análise exemplar (2.3.). O tópico 3 tratará do problema da aquisição da entonação em uma L2, usando exemplos tirados da pesquisa. Na última parte deste artigo (4), serão apresentados um breve resumo e algumas sugestões para pesquisas futuras da área.

2. Os conceitos fundamentais da entonação

2.1 A delimitação do termo *entonação*

A emissão sonora que lançamos quando falamos contém um conjunto de informações acústicas. A entonação não possui um correlato acústico individual e isolado. A fala é composta dos sons musicais produzidos pela vibração das cordas vocais sob pressão do ar que percorre a laringe, e modificados pela articulação dos segmentos (consoantes e vogais). Na pesquisa da entonação é necessária uma abstração das influências segmentais⁴, pois a entonação é plenamente *supra-segmental*.

Os fenômenos acústicos supra-segmentais são a frequência fundamental (F_0), a intensidade e a duração, e as respectivas categorias *lingüísticas* tom (em línguas tonais como chinês, norueguês, entre outros), acento de intensidade, quantidade e a variação da altura do tom. Entre estes, os elementos tom, acento de intensidade e quantidade são considerados lexicais, enquanto a entonação é *pós-lexical*. Isso quer dizer que a entonação se relaciona exclusivamente com o nível sintagmático acima da palavra individual e que ela pode fornecer informações sobre o modo, o ato de fala, o foco e a estrutura informacional. Mas a acentuação de palavras, por exemplo, não pertence à entonação.

Limitando o termo *entonação* ao fenômeno supra-segmental, lingüístico e pós-lexical, se chega a um conceito de entonação como variação de altura de tom, cujo correlato mais confiável é a frequência fundamental (F_0)⁵. Esta serviu como parâmetro na pesquisa apresentada.

2.2 A fonologia da entonação na Teoria Auto-segmental e Métrica (AM)

Medindo a frequência fundamental de um enunciado se obtém uma curva de valores permanentemente variáveis de F_0 sobre o eixo da coordenada tempo. Para poder analisar a entonação fonologicamente, é necessário abstraí-la dos valores físicos. As entidades decisivas da curva F_0 são os *pontos* mais salientes (sejam eles pontos mínimos ou máximos de F_0) e as *transições* (os *contornos*) entre dois pontos. Respectivamente, na literatura entonacional se identifica ou os tons individuais ou então os contornos como unidade mínima e traço distintivo da entonação. Na pesquisa apresentada se aplica o modelo AM⁶, que se baseia no tom individual como entidade distintiva, chamado de 'tom alvo'. A entonação é analisada em termos de unidades 'IP'⁷ (inglês: intonational phrase, sintagma entonacional), que são compostos por um elemento obrigatório, o núcleo (a sílaba que recebe o acento principal), e elementos facultativos antes e depois do acento principal. O tom individual, no sentido de uma oposição binária, pode ter o valor de 'H' (inglês: high, tom alto) ou 'L' (inglês: low, tom grave). Da seqüência destes tons alvos se forma a cadeia tonal, ou: o contorno melódico.

Os tons alvos podem coincidir ou com as sílabas ritmicamente mais proeminentes ou, ao contrário, com pontos rítmicos descontínuos que marcam pequenas pausas ou interrupções dentro de um ou entre dois 'IPs'. Quando um tom coincide com uma sílaba proeminente, ⁸ele forma um *acento tonal*. Quando coincide com um ponto rítmico descontínuo, ele forma um *tom delimitativo*. Além disso há uma terceira categoria de tons no modelo AM, resultando de uma análise dos 'IPs' em menores unidades. Esta unidade se chama ou 'intermediate phrase' (sintagma intermediário, 'ip') ou, em coerência com modelos métricos: 'phonological phrase' (sintagma fonológico, 'öp'), termo preferido aqui. Este 'öp' somente possui o seu respectivo *tom delimitativo do öp*. Este tom forma a última das três classes usadas no modelo AM. Os acentos tonais são marcados por '*', o tom delimitativo do IP por '%', e o tom delimitativo do öp por '-'. Cada um destes tons pode ter o valor H ou L. Os acentos tonais podem ser compostos por uma seqüência bitonal dos dois. Neste caso, o tom que constitui o tom alvo do movimento tonal (em relação à sílaba nuclear), recebe o '*', e o segundo tom vai ser simplesmente juntado (com '+' ou sem). Todas essas possibilidades formam o conjunto de tons do modelo AM:

Tons delimitativos e suas combinações:

L-, H-,
 H-L%, H-H%, L-L%, L-H%
 %H, %L

Acentos tonais:

H*, L*,
 L+H*, L*+H, H+L*, H+!H*, H+^H*

! marca o fenômeno 'downstep': um tom H é seguido por mais um tom H, porém, um pouco mais baixo do que o antecedente.
 ^ marca o fenômeno oposto. No 'upstep', o segundo H é mais alto do que o antecedente.

Gráfico 1. O conjunto de tons do modelo AM, segundo o sistema de transcrição de GToBI⁹ da entonação alemã.

2.3. A análise da entonação com os tons do modelo AM

A entonação de um enunciado de uma informante da pesquisa apresentada, transcrita segundo o modelo GT0Bi:

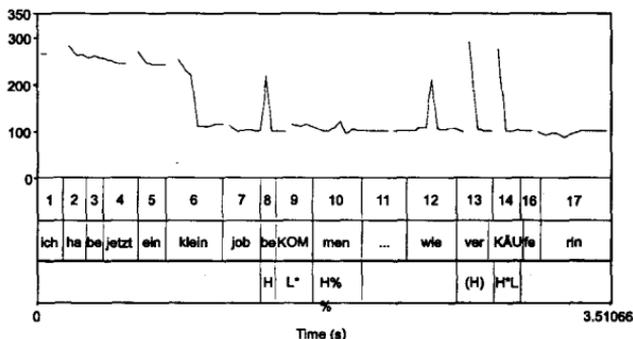


Gráfico 1. Exemplo de um enunciado na L2. '...' marca uma pequena pausa. 'Pitch' demarca a altura do tom, medida em Hertz (Hz), e 'time' demarca o tempo, em segundos (s). As sílabas que recebem os acentos nucleares são escritas em maiúsculas.

(1) ich habe jetzt ein[!] klein[!] job
beKOMmen... wie[!] verKÄUferin
eu tenho agora um pequeno emprego
conseguido... como vendedora

“eu consegui agora um pequeno emprego como vendedora”

Como é típico em orações declarativas, este enunciado começa em um nível relativamente alto e, em seguida, no decorrer da frase, registra uma baixa desse nível (fenômeno visto como universal nas línguas entonacionais e chamado de 'declinação'). Um tom inicial alto e um tom final baixo são considerados o caso não-marcado (default) de uma oração declarativa e, por isto, não precisam aparecer explicitamente na

transcrição. O exemplo é composto por dois sintagmas entonacionais (IP) (1. sílabas 1-10, 2. 12-17). Considerando o primeiro IP, nota-se que a sílaba mais proeminente é 'KOM' (9). Ela está ligada a um acento tonal grave, enquanto a sílaba antecedente, não-acentuada 'be' (8), está ligada a um tom mais alto¹⁰. Este evento tonal pode ser interpretado como um acento bitonal, já que é típico que este se estenda às sílabas antecedentes ou posteriores do núcleo. Assim, temos na sílaba acentuada um contorno descende: HL*. A próxima sílaba não-acentuada 'men' (10) forma o final do IP. Por isso, seu tom mais alto não pode ser interpretado como pertencendo ao núcleo, mas sim como tom delimitativo do sintagma. Mesmo sendo pequena a elevação do tom, nesta função ela marca continuação. A falante sinaliza que ainda não pretende parar de falar.

Na entonação desta primeira IP há dois aspectos que chamam a atenção. A acentuação da sílaba 'KOM' (9) não corresponde à esperada acentuação pelo ouvinte alemão. Isso porque em contextos neutros (= não-contrastivos) a acentuação é mais provável no rema, que seria, neste caso 'job' (7), do que no participio. A acentuação de 'KOM' (9) parece, por isso, ser uma entonação contrastiva, mas sem ter com que contrastar no contexto. Um contexto construído para servir a este tipo de entonação poderia ser: „Ich habe meinen Job nicht verLOren, sondern beKOMmen” „eu não perDI meu emprego, mas sim o conseGUI”. Este desvio de padrão da entonação da língua-alvo pode ser tomado como 'marcado', desviante do default, mas não necessariamente errado¹¹. O segundo aspecto especial se encontra na sílaba 'men' (10). Mesmo sendo uma elevação acusticamente pequena – devido entre outros à posição final no IP – ela é percebida com bastante nitidez. A elevação foi interpretada como sinal de continuação, mas não corresponde perfeitamente à forma do padrão alemão. O sinal não-marcado de continuação no alemão seria mais provavelmente realizado com uma entonação em nível médio-estável (sem elevação ou declinação). Um contorno ascendente, como realizado no exemplo 'men' (10), tem que ser interpretado como marcado também, porque normalmente é reservado para a entonação de perguntas sim/não, deixando menos claro o sentido

pragmático da frase, que sintaticamente forma, sem dúvida, uma oração declarativa.

O segundo IP (sílabas 12-17) pode ser visto como extraposição, a informante completa, posteriormente, a informação pertencente ao IP anterior, em forma de elipse. A sílaba acentuada 'KÄU' (14) está conectada a um tom descente (H*L). Diferentemente do exemplo em 'KOM' (9), aqui a descensão não acontece direto no ditongo acentuado. A sílaba antecedente 'ver' (13) também está ligada com um tom alto, que, aparentemente, baixa entre o prefixo 'ver' (13) e a sílaba acentuada 'KÄU' (14). Este fenômeno se explica pela consoante surda e plosiva [k] (veja também a nota 4). Este tipo de consoante possui a frequência fundamental intrínseca de 0 Hz. Acima foram transcritos dois tons H para ambas as sílabas, somente a fim de servir ao exemplo. De verdade, trata-se de um único evento tonal, devidamente transcrito pelo bitonal H*L, que se estende sobre o ditongo acentuado tanto quanto sobre a sílaba antecedente não-acentuada. A descensão final 'rin' (17) é considerada não-marcada e não recebe uma transcrição especial. Considerando o segundo IP isoladamente, ele não desvia do padrão entonacional da língua-alvo (alemão). Mas existe um desvio do padrão na transição do primeiro para o segundo IP.

Szczepek (2001) mostrou que, mesmo depois de interrupções, correções e parênteses, o contorno entonacional projetado no início do enunciado vai ser retomado e realizado até o final como se não tivesse acontecido nenhuma interrupção. O nível da entonação antes e depois de um parêntese, por exemplo, tende a ser idêntico, mesmo que durante o parêntese houvesse um próprio plano entonacional realizado. Isso indica que na língua materna normalmente funciona um planejamento entonacional em um nível acima do enunciado, que é o nível do discurso, sendo este plano realizado pelo falante e interpretado pelo ouvinte. Mas no exemplo discutido, a informante no segundo IP não cumpre o contorno entonacional projetado no primeiro IP. A expectativa do ouvinte não é atendida. Para conectar entonacionalmente a extraposição ao IP antecedente existem duas opções. A coesão necessária poderia ser obtida

1) por uma correspondência entre o nível tonal inicial do segundo IP igual ao nível tonal final do primeiro IP (que não foi bem 'médio', mas pelo menos ascendente), ou 2) por uma repetição do contorno do primeiro IP no segundo IP (ou seja: começando em nível alto, terminando com um tom levemente ascendente). Essa última opção é o caso em listagem narrativa ('listando' fatos ocorridos seqüencialmente com uma entonação repetitiva; veja Gilles 2001 e Selting 2000 para detalhes sobre entonação de listagem). 'Anexar' informações adicionais, como no caso desta extraposição, pode ser uma aplicação de listagem entonacional. Porém, o exemplo contém dois IPs independentes. Por isso, o tom delimitativo do primeiro IP (10) não foi transcrito como H- (que teria sido o certo em caso de conexão das duas partes do enunciado e, então, teriam sido interpretados como dois $\bar{o}p$ em conjunto), mas sim como o tom delimitativo final de IP H%.

O segundo IP foi chamado de não-desviante. Mas, levando em consideração o seu caráter elíptico, se deveria esperar uma conexão maior com o IP anterior. Por isso, pode se concluir, que o contorno final do primeiro IP cria uma expectativa no ouvinte que não é cumprida pelo segundo IP.

3. A problemática da 'entonação na L2'

3.1. Dificuldades na aquisição da entonação de uma L2

Para o aprendiz de uma L2, a entonação é problemática em mais de um sentido. Consta na literatura (cf. Hirst / di Cristo 1998), geralmente, que a entonação - sendo a primeira característica da língua materna adquirida pelo bebê - é um dos fatores mais resistentes (também no 'sotaque estrangeiro') e com maior interferência da L1 na hora da aquisição de uma L2. Ao mesmo tempo, a maioria dos professores de L2 não têm um conhecimento consciente sobre os fatores supra-segmentais como a entonação. Um terceiro fator é a falta de comunicação oral autêntica e a falta também de material auditivo de fala autêntica da língua-

alvo no ensino de L2 – sendo estes os momentos mais relevantes da entonação. A maioria dos aprendizes, provavelmente, não recebe nenhuma instrução de pronúncia que considere a entonação, não possuindo também uma idéia sobre as regras e as funções da entonação na própria língua materna.

Essas dificuldades levam a uma injustificada desconsideração da entonação e suas funções importantes no ensino de L2. Além das funções gerais, na aquisição da L2 a entonação possui um papel relevante ainda maior. Pesquisas indicam que a aquisição dos sons segmentais (vogais, consoantes e conjuntos de consoantes) é condicionada pela aquisição entonacional. Na fala espontânea são os fatores supra-segmentais que influenciam mais tanto a compreensão dos enunciados do falante não-nativo, quanto a semelhança da pronúncia do falante não-nativo com a pronúncia padrão da língua-alvo (cf. Dieling 1996). A questão da aceitabilidade da pronúncia e, mais importante ainda, da aceitação do falante não-nativo pelos nativos, considerando o não-nativo como interlocutor competente, depende, em primeiro lugar, do fator supra-segmental entonação (cf. Hirschfeld 1994).

Fora da sala de aula existe uma outra questão da entonação na L2. Reinke (2000) observa que os aprendizes, quando falam uma L2, são quase 'personalidades reduzidas' porque não podem confiar na previsibilidade da interação com um interlocutor falante da outra língua. A tolerância perante erros ou desvios entonacionais decresce nos casos, quando as culturas de origem dos interlocutores são consideradas mais parecidas, porque, neste caso, a expectativa de que tudo ocorra normalmente é maior. Toda esta problemática descrita neste parágrafo está relacionada com atitudes e emoções entre falantes de línguas diferentes. Hirschfeld (1994) destaca a ligação que existe entre o desenvolvimento de novos aspectos de audição e de articulação com a criação de novos processos de fala-pensamento. Estes processos consistem em mudanças fisiológicas e psicológicas relacionadas à identidade do falante.

Depois desta visão geral das dificuldades de aquisição da entonação, gostaria de acrescentar um comentário sobre a natureza dos erros entonacionais, sua interpretação e tipologia.

Enquanto na aquisição dos sons segmentais um brasileiro pode encontrar maiores dificuldades de realizar a consoante uvular [R] do alemão, este tipo de 'não conseguir emitir o som certo' não existe como fonte de erro na entonação, sendo que a altura do tom pertence a ambas as línguas igualmente. No entanto, há outros tipos de erros de entonação. Suas potenciais fontes são:

- 1) a interferência da língua materna. Exemplo: a aplicação de certas formas entonacionais em certos contextos, que pode ser diferente da aplicação na língua-alvo;
- 2) estratégias de aprendizagem. Exemplo: em sala de aula o aprendiz realiza uma oração declarativa com entonação de pergunta, porque paralelamente à realização da oração declarativa está sendo realizado o contexto pragmático "Professor, a frase está certa assim?" que não será pronunciado mas expresso implícita e exclusivamente pela entonação;
- 3) falhas arbitrárias devidas à menor competência geral na L2. Exemplo: a falta de capacidade de projetar a entonação coesiva e progressivamente.

3.2. A entonação do alemão como L2 por falantes nativos do PB

Na pesquisa apresentada observou-se dois tipos de diferenças entre a entonação alemã na fala de alemães e na fala de brasileiros. Por um lado, havia características mais globais que afetaram a divisão e a estruturação da fala em geral, por outro registrou-se desvios em ocasiões locais, que se manifestaram em diferenças entonacionais somente em certos contextos.

Primeiro, veremos as características globais. Em comparação com a entonação dos falantes nativos do alemão, os falantes brasileiros apresentaram:

- 1) uma maior alternância da altura do tom. Os falantes brasileiros dividiam os enunciados em unidades entonacionais (IPs) menores, obtendo, assim, um maior número de IPs por enunciado. Tendo em vista que a cada IP pertencem os seus acentos tonais e tons delimitativos, o resultado é um maior número de eventos tonais destacados, ou seja, uma maior alternância da altura do tom;
- 2) problemas e/ou erros com a coesão entonacional (como discutido no exemplo do tópico anterior);
- 3) uma intravariabilidade entonacional maior. Ou seja, uma maior variação entonacional entre os diferentes enunciados de um só informante, com menor consistência das formas entonacionais realizadas;
- 4) uma aplicação de intervalos tonais maiores.

A interpretação destes fenômenos deve levar em consideração as três fontes de erros potenciais acima mencionadas - interferência da L1, estratégias de aprendiz, competência menor na L2 em geral, expressas na capacidade menor de projeção progressiva da entonação (ou seja, de realizar uma entonação coesiva e coerente ao longo de enunciados complexos). Antecipando os resultados da interpretação pode se dizer que, nos quatro exemplos dados, há sempre uma influência de dois ou mais fatores dos erros potenciais mencionados.

Veremos o caso da maior alternância da altura de tom. Esta característica, que também se encontra na pesquisa de Jilka (2000) sobre falantes anglófonos, assim sendo não somente um aspecto de lusófonos, parece ser um erro devido à menor capacidade de projeção da entonação. Mas, ao mesmo tempo, Frota e Vigário (2000) observam que

[...] no PB é freqüente a presença de eventos tonais que não se encontram ligados a sílabas acentuadas e cuja ocorrência depende do número de sílabas na

palavra que precedem o acento principal [...]. (p. 544)
 [Além disso o PB] apresenta outros eventos tonais que, apesar de não serem obrigatórios, ocorrem com frequência [...]: um tom H cuja posição no contorno é definida relativamente à fronteira esquerda de [p] ? e um tom L ligado à fronteira direita deste domínio prosódico. (p. 547)

O fato de o PB apresentar um maior número de eventos tonais em geral indica uma possível interferência da língua materna na realização da entonação alemã. A mesma ambigüidade na interpretação da fonte do erro se encontra nos casos dos intervalos maiores, que igualmente são atribuídos a falantes de outras línguas maternas, mas também considerados uma característica típica e específica do PB. Assim, podemos concluir que deve haver influências por ambos os lados.

Investigaremos agora as denominadas características locais. Estas são consideradas influenciadas, muito provavelmente, pela língua materna. Por isso, será feita uma comparação do alemão, falado por alemães, com o português, falado por brasileiros. Será apresentada uma análise exemplar, destacando as diferenças na realização de perguntas sim/não no alemão e no PB.

No alemão, as perguntas sim/não são, obrigatoriamente, realizadas com um tom delimitativo final ascendente, enquanto no PB se aplica um tom descente. Vejamos os gráficos abaixo:

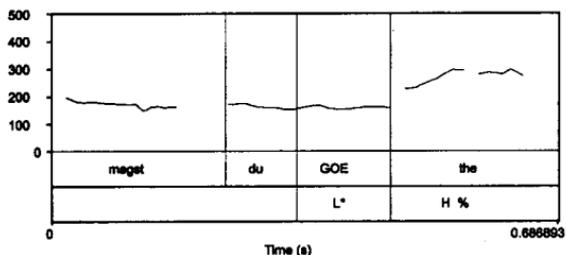


Gráfico 3. A pergunta sim/não enunciada por uma falante nativa do alemão.

Comparando-se com a mesma pergunta em português brasileiro:

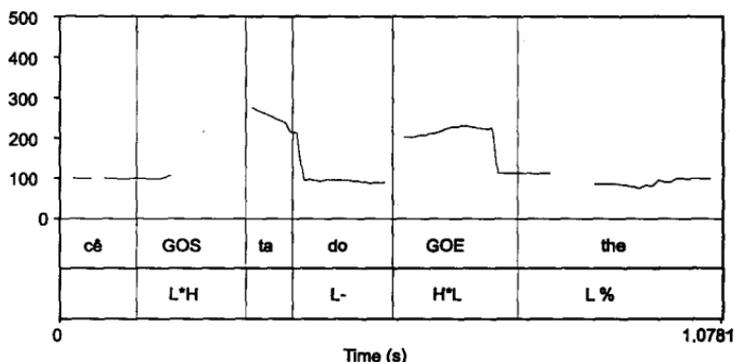


Gráfico 4. A pergunta sim/não no PB realizada por uma falante nativa do PB.

Após enunciar esta pergunta sim/não em português (que obviamente não foi uma produção autêntica, mas provocada), a informante foi solicitada a repetir a mesma pergunta em alemão, provocando, assim, pela proximidade imediata e pela não-naturalidade da situação de fala, o maior risco de interferência da língua materna – que, de fato, ocorreu exatamente como previsto, como veremos no gráfico abaixo:

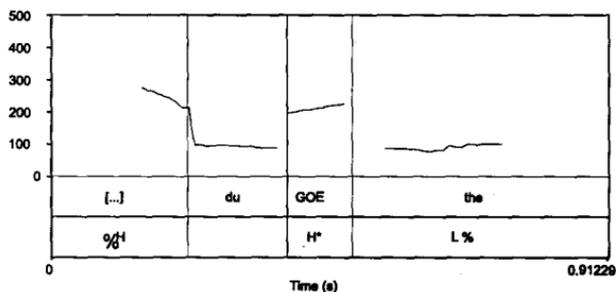


Gráfico 5. A pergunta sim/não em alemão enunciada por uma falante não-nativa. ([...] incompreensível, depois afirmado pela informante como: 'magst')

Aqui vemos um nível inicial bastante alto. Como em perguntas sim/não no alemão padrão geralmente se aplicam os eventos tonais mais proeminentes na área final do IP, normalmente se espera um nível inicial mais baixo. Desse modo, o tom inicial alto é transcrito com %H para mostrar que é marcado. Este tom delimitativo inicial é seguido por um acento tonal alto H* 'GOE' e depois por um tom delimitativo final baixo L% 'the'. O tom final há de ser transcrito, justamente por se tratar de uma forma altamente marcada, ou melhor, completamente desviante do padrão alemão. Sintaticamente, a posição inicial do verbo (obrigatória em perguntas sim/não no alemão) indica o caráter de pergunta do enunciado, enquanto na entonação não há nenhum indicador deste tipo. Esta contradição, neste caso, significa um erro entonacional grave.

4. Resumo e sugestões para pesquisas futuras

A pesquisa apresentada mostrou a existência de dois tipos de desvios entonacionais encontrados em enunciados em alemão como L2 por falantes nativos do PB: os erros locais e as tendências globais. Ambos mostram interferências típicas da respectiva língua materna, o PB. Porém, no caso das tendências globais há evidência de mais um outro tipo de influência. Pois, quando estas características globais são comparadas com os resultados de uma pesquisa com falantes anglófonos, surgem certas semelhanças. Estas semelhanças indicam dificuldades em comum entre os falantes de L1s diferentes, devido à falta de capacidade de realizar uma entonação coerente durante enunciados longos e mais complexos na L2.

Para pesquisas futuras se aconselha separar metodicamente estes dois aspectos. Para a didática deveria ser mais fácil o ensino de diferenças localizadas, mostrando exemplos da língua de origem e da língua-alvo. O exemplo da pergunta sim/não pode ser ensinado com gravações em áudio e visualizações com um respectivo programa de análise de fala (Praat ©, ou Speech Analyzer ©). Já o ensino de fluência, coerência e coesão entonacional no nível do discurso¹² deve trazer maiores

dificuldades. Antes de uma possível prática didática nesta área, será necessário pesquisar o grau da dependência destes fenômenos de interferência de línguas maternas individuais ou de fatores mais gerais, independente das L1 dos aprendizes. Esta questão está sendo pesquisada no projeto monitorado pela Dra. U. Gut na Universidade de Bielefeld (<http://www.spectrum.uni-bielefeld.de/LeaP/Benningsen.html>), que tem como objetivo estabelecer as seqüências gerais da aquisição da entonação do alemão e do inglês. Um outro tipo de abordagem é a pesquisa de A. Wennerstrom (2001), que compara a entonação de discursos narrativos orais por aprendizes japoneses do inglês. O interesse maior de Wennerstrom são as semelhanças interculturais entre as duas línguas, partindo da hipótese que a aplicação emocional de acentos tonais em narrativas tenha mais características em comum (ou universais) do que diferenças entre as duas línguas. Neste caso, a entonação não teria que ser vista exclusivamente como problema ou barreira na aquisição de uma L2, mas sim poderia encher o papel de promotor da aquisição, semelhante ao processo da aquisição da L1 e dos sons segmentais da L2, como já foi indicado na literatura.

Futuras pesquisas que examinassem melhor esta função potencial da entonação na aquisição de L2 seriam muito desejáveis.

Referências Bibliográficas

CHUN, D. M. *Discourse Intonation in L2: From Theory and Research to Praxis*. Amsterdam, Philadelphia : John Benjamins, 2002.

CUNNINGHAM-ANDERSON, U. *Native speaker reactions to non-native speech*. In: JAMES, A.R., Jonathan LEATHER, J. : *Second Language Speech - Structure and Process*. Berlin/New York: 133-144, 1997.

DIELING, H. *Phonetik im Fremdsprachenunterricht Deutsch*, Berlin/München: Langenscheidt, 1996.

EDMONDSON, W., HOUSE, J. *Einführung in die Sprachlehrforschung*. 2. edição, revista. Tübingen: Francke, 2000.

FROTA, S., VIGÁRIO, M. *Aspectos de prosódia comparada: ritmo e Entoação no PE e no PB*. In: Actas do XV encontro da Associação Portuguesa de Linguística, Braga: APL. 533-555, 2000.

GILLES, P. *Intonation der Weiterweisung. Ein Beitrag zur konversationsanalytisch orientierten Erforschung von Regionalintonation am Beispiel des Hamburgischen und Berlinischen*, InLiSt - Interaction and Linguistic Structures, No. 20, September 2000, URL: <<http://inlist.uni-konstanz.de/issues/20/index.htm>>, 2000.

HIRSCHFELD, U. *Untersuchungen zur phonetischen Verständlichkeit Deutschlernender*. Frankfurt/Main: Hector, 1994.

HIRST, D., di CRISTO, A. *Intonation Systems. A Survey of Twenty Languages*. Cambridge: CUP, 1998.

JILKA, M. *The Contribution of Intonation to the Perception of Foreign Accent*. AIMS. Stuttgart, 2000.

LADD, R. D. *Intonational Phonology*. Cambridge. CUP, 1996.

NEUBER, B. *Prosodische Formen in Funktionen : Leistungen der Suprasegmentalia für das Verstehen, Behalten und die Bedeutungs(re)konstruktion*. Frankfurt/Main: Lang, 2002.

PIERREHUMBERT, J. *The phonology and phonetics of English intonation*. PhD thesis, MIT, 1980, publicado em 1988 por IULC.

REINECKE, K. *Deutsche Intonation im Zweitspracherwerb bei brasilianischen Muttersprachlern: Eine empirische Studie*. Dissertação de mestrado inédita. Universidade de Hamburg, 2003.

REINKE, K. *Ein Babylon der Emotionen? Das Problem der kultur- und sprachübergreifenden Erforschung der phonetischen Emotionssignale*. *Deutsch als Fremdsprache* 37/1: 67-72, 2000.

SELTING, M. *Berlinische Intonationskonturen: Die {Treppe aufwärts'- nebst Vergleichen mit entsprechenden Hamburger Konturen*. *InLiSt-Interaction and Linguistic Structures*, No. 16, April 2000, URL: <<http://inlist.uni-konstanz.de/issues/16/index.htm>>, 2000.

SZCZEPEK, B. *Prosodic Orientation in Spoken Interaction*. *InLiSt-Interaction and Linguistic Structures*, No. 27, Forthcoming, URL: <<http://inlist.uni-konstanz.de/issues/27/index.htm>>, 2001.

WENNERSTROM, A. *Intonation and evaluation in oral narratives*. *Journal of Pragmatics* 33, 1183-1206, 2001.

Notas

¹ Uma L2 (língua 2) pode ser tanto uma língua estrangeira ou uma segunda língua (cf. Edmondson/ House 2000).

² Desentendimentos entonacionais facilmente passam a ser considerados como estranheza cultural e/ ou individual. Na pior das hipóteses podem causar atitudes negativas contra o falante não-nativo (cf. Cunningham-Andersson 1997).

³ As gravações foram feitas pela autora em 2002 em Hamburgo / Alemanha com um microfone do modelo Aiwa CM-P11 e um gravador de minidisc MD-SR50. O corpus consiste em arquivos digitais de áudio, cujos gráficos foram desenvolvidos com o programa Praat ©. Foram gravados seis falantes nativos do PB, sendo três masculinos e três femininos, na faixa etária entre 24 e 41 anos, que tinham vivido entre 18 meses e vários anos em Hamburgo. Os informantes – com uma exceção - dominavam o alemão como L2 em nível médio-avançado. Todos começaram a aquisição somente como adultos, na Alemanha, e de modo dirigido (com aulas). Nenhum dos informantes possuía algum conhecimento especial sobre fonética e/ou entonação, nenhum demonstrou na hora da gravação problemas de voz e/ ou audição. Os exemplos usados neste artigo são enunciados espontâneos e autênticos, com exceção dos exemplos de pergunta sim/não, que foram provocadas por estímulos escritos.

4 Por exemplo, na articulação das consoantes plosivas (/b/, /d/, /g/ e /p/, /k/, /t/) o ar expirado se depara em algum ponto da boca com um obstáculo total, que interrompe momentaneamente a corrente da frequência fundamental (F_0). No sonograma, o contorno melódico parece baixar ou desaparecer. Outro exemplo são as vogais e ditongos que possuem uma frequência intrínseca.

⁵ Na literatura entonacional geralmente se distingue o conceito estreito, apresentado aqui, de um conceito mais amplo, que inclui fatores como, por exemplo, o ritmo. Usar a frequência fundamental como (único) correlato da entonação é a prática comum nas pesquisas da entonação, porém criticado por Neuber (2002), que desaprova o isolamento de um único fator acústico para tratar de um fenômeno acústico complexo.

⁶ O modelo de níveis de tons mais estabelecido na literatura atual é o modelo auto-segmental e métrico, baseado especialmente no trabalho de Pierrehumbert (1980). Para uma comparação com modelos de contorno melódico da escola britânica (cf. Ladd 1996).

⁷ Aqui existe uma coincidência com o termo 'IP' como "inflection phrase" da abordagem gerativista da sintaxe, que não pode ser confundido.

⁹ 'German Tones and Breaks Indices', índices dos tons e pausas do alemão.

¹⁰ Aqui é necessário mencionar que os termos 'mais alto' e 'mais baixo' sempre se referem à relação com as sílabas anteriores e posteriores. Além disso, a altura média do tom abaixa durante um enunciado (declinação). Isso faz com que elevações mais no final de um enunciado tendam a parecer subjetivamente mais altas do que elevações iniciais – mesmo quando o valor total em Hz não seja maior.

¹¹ Há duas coisas para serem acrescentadas aqui: 1. Neste caso não se trata de uma acentuação 'errada', porque 'KOM' (9) pertence às sílabas acentuáveis; 2. Na oração declarativa alemã, o rema é colocado tendencialmente mais no final da frase. Isso faz com que a entonação neutra e não-marcada caia normalmente perto do final da frase também.

¹² Chun (2002) menciona que as tendências globais, válidas para falantes de línguas maternas diferentes, parecem se localizar mais especificamente no nível do discurso.